

*Em defesa de História e Consciência de Classe**

Antonino Infranca**

Resumo:

O presente artigo apresenta uma exposição crítica dos pressupostos e implicações das observações desenvolvidas por Moishe Postone acerca do pensamento lukacsiano, em especial do consignado em *História e Consciência de Classe*, em seu *Marx Reloaded*. Examinam-se aqui os problemas relacionados à forma como Lukács lê, segundo Postone, em sua obra de 1923, o fenômeno da *alienação* e as conexões desta interpretação com a concepção que dele tinha Hegel. Toma-se para debate o modo como a categoria mercadoria desempenharia um papel decisivo na construção da reflexão protomarxista do filósofo húngaro.

Palavras-chave:

Lukács; *História e Consciência de Classe*; Postone; alienação; forma mercadoria.

In defense of History and Class Consciousness

Abstract:

This article presents a critical exposition of the assumptions and implications of the observations developed by Moishe Postone about the lukacsian thinking, particularly what is developed in *History and Class Consciousness*, in his *Marx Reloaded*. We examine here the issues related to how Lukács read, according to Postone, in his 1923, works the phenomenon of *alienation* and connections of this interpretation with the concept that it was Hegel. Taking to debate how the category commodity a decisive role in the construction of reflection proto-marxist of this Hungarian philosopher.

Key words:

Lukács; History and Class Consciousness; Postone; Alienation; commodity form.

* Traduzido do original italiano, “*In difesa di Storia e Coscienza di Classe*”, por Cristiane de Cássia Silva. Outra tradução foi publicada em *Margem Esquerda* n.º 7, maio de 2006, pp. 138-51, sob o título *Dialética x Dogmatismo: sobre um Inédito de Lukács em Defesa de História e Consciência de Classe*.

** Filósofo italiano. Doutor em filosofia na Academia Húngara de Ciências com uma tese sobre o conceito de trabalho em Lukács. Realizou uma pesquisa LukacsArchive, em Budapeste.

Recebo com prazer o convite do amigo Nestor Lopez para ler o interessante livro de Moishe Postone, filósofo canadense. Agradeço a José Gandarilla Salgado, que me deu a possibilidade de participar do debate, ainda que à distância de um oceano, que o livro tem suscitado no México e em outros países do continente latino-americano. Provavelmente Lopez e Gandarilla Salgado me conhecem como estudioso de Lukács¹ e esperam de mim, quem sabe, reflexões profundas. Espero não decepcioná-los e não diminuir demasiado espaço de alguém que o mereça mais do que eu. Não conhecia Postone antes de ler *Marx Reloaded*, cuja leitura me pareceu extremamente interessante, e o tempo dedicado a esta leitura me foi amplamente retribuído pelas informações e pelos estímulos que me deu. Aqui me limito a algumas observações sobre o capítulo “Lukács e a Crítica Dialética ao Stalinismo”, anotação dedicada a *História e Consciência de Classe*, de Lukács.

Antes de tudo, é preciso recordar que a cultura anglo-saxônica e aquela latino-americana são praticamente as únicas que hoje se interessam pelo pensamento de György Lukács, com notáveis diferenças entre as duas, mas também com notáveis semelhanças. A primeira semelhança é a falta de alguns textos decididamente fundamentais, como a *Ontologia do Ser Social*². A maior diferença é que na cultura anglo-saxônica o interesse por Lukács é concentrado principalmente na *História e Consciência de Classe* mais do que em outros textos fundamentais, como a *Estética* e as obras juvenis. Na cultura hispânica, sobretudo nos últimos anos, está surgindo um forte e radical interesse sobre a *Ontologia do Ser Social*.

Feita essa premissa inicial, convém notar que Postone reflete essa abordagem, fixando-se unicamente sobre *História e Consciência de Classe*, senão sobre um só ensaio daquela obra: “A Reificação e a Consciência do Proletariado”. Como sabem todos aqueles que participaram do debate sobre *Marx Reloaded*, Postone direciona suas críticas à tradição do marxismo que se revelou, no fundo, inadequada à crítica seja do capitalismo, seja do socialismo realizado (cf. POSTONE, 2007, p. 36). Postone retorna a Marx, porque nele ainda podemos encontrar instrumentos teóricos para aprofundar em uma nova teoria social (POSTONE, 2007, p. 37). Trata-se do mesmo projeto do velho Lukács: é fato que Lukács escreve uma *Ontologia do Ser Social* de quase duas mil páginas para sustentar a necessidade e a oportunidade de um retorno a Marx, a fim de reencontrar uma nova teoria marxista, pulando toda a tradição intermediária entre Marx e o momento atual – os anos 60. Nesta linha, Lukács insere a mesma *História e Consciência de Classe*, definida como uma obra falha. No “Prefácio”, que escreve em 1967, para uma coleção de textos dos anos 20, a qual continha inclusive os ensaios que compunham *História e Consciência de Classe*, Lukács admite:

Pois no pensamento de Hegel o problema do estranhamento aparece pela primeira vez como questão básica da situação do homem no mundo e com respeito ao mundo. Mas o estranhamento [*Entfremdung*], sob o nome de alienação [*Entäusserung*], é ao mesmo tempo no texto de Hegel o pôr, a posição de toda objetividade. Portanto, e se se pensa até o final, o estranhamento é idêntico à posição de objetividade. Consequentemente, o sujeito-objeto idêntico, ao superar o estranhamento, há de superar simultaneamente a objetividade. Mas como o objeto, a coisa, existe, segundo Hegel, somente como alienação da autoconsciência, ocorre que a retroação da alienação no sujeito seria o final da realidade externa, ou seja, da realidade em geral. *História e Consciência de Classe* segue este pensamento de Hegel na medida em que identifica o estranhamento com objetivação [*Vergegenständlichung*] (...). Este erro, fundamental e grosseiro, contribuiu, sem dúvida alguma, para o êxito de *História e Consciência de Classe* (LUKÁCS, 1985, pp. 46-7).***

O mesmo Lukács, então, considera *História e Consciência de Classe* uma obra excessivamente fundamentada no pensamento de Hegel, mais do que sobre o de Marx, por isso é um trabalho para se rever e repensar.

Postone reconhece em várias partes de seu ensaio a capacidade de Lukács de retomar a dialética hegeliana de uma forma correta e rigorosa, mas, em outras partes, considera esta retomada uma limitação do pensamento de Hegel; substancialmente, sustenta uma tese muito similar à autocrítica de Lukács, quando afirma: “O que Lukács se reapropria de Hegel como crítico – a ideia de uma lógica histórica dialética, a noção de totalidade, o sujeito-objeto

1 Aqui me limito a recordar meu trabalho *Trabajo, Individuo, História*. El Concepto de Trabajo em Lukács (2005), do qual foi feita, também, uma edição venezuelana com Monte Ávila (Caracas, 2006). Outros dos meus ensaios sobre Lukács foram publicados em revistas europeias e latino-americanas.

2 Seja em inglês ou em espanhol, foram publicados somente alguns capítulos. Junto ao amigo Vedda – que traduziu o texto do alemão –, dediquei-me à publicação em espanhol do capítulo sobre “Trabalho” e, sempre com Vedda, estamos programando a publicação do capítulo sobre a “Reprodução”. A editora argentina Herramienta publicou e publicará os dois capítulos. Outra escolha de trechos da *Ontologia do Ser Social* foi publicada no México. Em inglês estão disponíveis os capítulos sobre “Trabalho”, sobre “Hegel” e sobre “Marx”.

*** [N.T.: Aqui, na presente tradução se seguiu o que constava da edição italiana citada por Infranca em seu texto, pois o termo *Entfremdung* é vertido de maneira mais bem determinada que aquela observada na tradução brasileira de *História e Consciência de Classe*, publicada em 2003 pela Editora Martins Fontes.]

idêntico – é, propriamente, aquilo que é interpretado por Marx em referência ao capital” (POSTONE, 2007, p. 94)⁴. Lukács, que escreve *História e Consciência de Classe* em 1923 e não conhece, então, algumas das obras fundamentais de Marx, entre as quais: *Manuscritos Econômico-Sociais de 1844*^{****}, *A Ideologia Alemã* ou os *Grundrisse*, consegue, contudo, compreender alguns conceitos-chave do pensamento marxiano, pois reconstrói a herança hegeliana do pensamento de Marx, levando em conta a crítica de Marx a Hegel. Se, por um lado, portanto, a influência de Hegel pode parecer limitada – e isto parece a Postone –, por outro, o hegelianismo compartilhado tanto por Marx como por Lukács dá a ambos uma visão dialética da realidade, que lhes permite superar a exterioridade da realidade para descobrir o fundamento da própria realidade: com as palavras de Marx, a relação dialética entre a essência e a aparência. Marx sustenta que, sob o ponto de vista da ciência, era possível distinguir entre a essência e a aparência. Enquanto Hegel fixou-se na subjetividade que ele mesmo redescobriu na realidade externa, a Marx interessava compreender o quanto – e como – da realidade externa foi empregado na subjetividade.

Levando-se em conta estes aspectos da questão, agora o Lukács da *História e Consciência de Classe* não é muito distante da definição de Marx. Como no primeiro capítulo do Livro I de *O Capital*, também em *História e Consciência de Classe* é desenvolvida uma fenomenologia da mercadoria, com a grande e grave diferença de que Lukács não desenvolve uma crítica da economia política, coisa que faz Marx e que não fará quase nenhum outro dos grandes pensadores de tradição marxista. Postone teria tido razão para recordar esta falta na tradição do marxismo – na realidade, Postone não recorda nada desta ausência: nem Gramsci, nem Bloch, nem a Escola de Frankfurt, nem Althusser, nem Korsch desenvolveram uma crítica da economia política à maneira de Marx. Postone acusa Lukács de diferenciar a categoria da mercadoria:

(...) separa e opõe o quantitativo e o qualitativo e, em relação com isso, a forma e o conteúdo. Estas oposições, presentes nas análises de Lukács, estão ligadas a sua compreensão da relação entre o valor e o valor de uso e, portanto, da forma mercadoria; o que permite diferenciar sua compreensão da mercadoria da de Marx (POSTONE, 2007, p. 88).

Postone não é explícito em denunciar a ausência de uma crítica da economia política em *História e Consciência de Classe*. Com um esforço não muito grande, compreende-se que qualitativo e quantitativo referem-se à dialética entre valor e valor de uso; já na *Ontologia do Ser Social* está presente uma longa e detalhada análise da dialética entre valor e valor de uso.

A análise do fordismo exigiria também uma crítica da economia política fordista. Lukács vai além do fenômeno das mercadorias para colocar em evidência a forma de produção segmentada na fábrica fordista, caindo, segundo ele, no erro hegeliano de pensar que a superação da alienação seria a superação da realidade em geral, e não da realidade fordista. O Marx dos *Grundrisse* ensinaria que o trabalho é um elemento necessário à vida cotidiana do indivíduo, mesmo se reduzido a poucas horas ao dia, mas não é extingüível, mas o Lukács de *História e Consciência de Classe* não podia conhecer os *Grundrisse*, que são conhecidos de Lukács na *Ontologia do Ser Social*. Porém, na *História e Consciência de Classe* há o método da genética típica de Marx, isto é, um fenômeno esconde uma essência que pode ser revelada: a produção em massa das mercadorias é possível somente se o operário é fragmentado, alienado, reduzido a um “gorila amestrado”. E esta fenomenologia se estende da fábrica a toda a sociedade. Postone reconhece esta dialética:

Lukács define a mercadoria como uma forma abstrata historicamente específica (o valor) que se acha superposta ao conteúdo substantivo, concreto e transistórico (o valor de uso e o trabalho) que constitui a natureza “real” da sociedade. *No capitalismo, a relação entre forma e conteúdo seria contingente.* (POSTONE, 2007, p. 94)

Postone, porém, sustenta que, segundo Lukács, a dialética forma/conteúdo, que se refere à essência/fenômeno, seria contingente. Lukács não sustenta todo o caráter contingente da dialética forma/conteúdo ou essência/fenômeno no capitalismo, logo, esta é uma escolha respeitável – mas não compartilhada – de Postone e não, certamente, de Lukács.

Postone compreende precisamente esse método genético de Marx quando afirma:

A teoria de Marx se estende muito mais além da crítica tradicional das relações burguesas de distribuição (...); não é simplesmente uma crítica da exploração e da desigual distribuição da riqueza e do poder. Ao contrário, aborda a sociedade industrial moderna como, em si mesma, capitalista e analisa de maneira crítica o capitalismo, em termos, basicamente, de estruturas abstratas de dominação, de crescente fragmentação do trabalho e da

4 Grifo meu.

**** [N.T.: Infranca, obviamente, parece referir-se aqui aos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844* (ou “de Paris”). Ainda que possa ser um lapso, por conta dos limites de nosso ofício, preferimos deixar como consta no original em italiano “*Manoscritti Economico-Sociali del 1844*”.]

existência individuais, e de uma lógica desenvolvimentista cega e desenfreada. Faz da classe trabalhadora um elemento central do capitalismo, mais que a encarnação de sua negação, e concebe implicitamente o socialismo não em termos de realização do trabalho e da produção industrial, senão em termos da possível abolição do proletariado e da organização baseada no trabalho proletário, assim como do sistema dinâmico de compulsões abstratas constituídas pelo trabalho como atividade socialmente mediadora. (POSTONE, 2007, p. 43)

Em *História e Consciência de Classe* é visível a fragmentação do trabalho, dos indivíduos e da estrutura de domínio capitalista. Neste sentido, o Lukács de 1923 não difere muito do pensamento de Marx, de fato, Postone reconhece: “seu enfoque [de Lukács] é análogo ao de Marx que, nos *Grundrisse*, refere-se às categorias como *Daseinformen* – formas de ser⁶ – y *Existenzbestimmungen* – determinações do modo de existência” (POSTONE, 2007, p. 74). Mas Lukács em 1923 não podia conhecer os *Grundrisse*, que foram publicados em 1939 e, portanto, intui o método de Marx somente da herança hegeliana de Marx e sua crítica a Hegel.

A crítica lukacsiana à fragmentação e à divisão do trabalho é um elemento essencial de *História e Consciência de Classe*. Lukács capta na produção fordista a essência do tempo histórico que está vivendo. A perspectiva da revolução é definitivamente arquivada em 1923, quando o livro está terminado e publicado. Agora, um intelectual como Lukács se concentra na análise da forma da condição da mercadoria, mais precisamente no processo de produção da mercadoria. Nos anos 20 do século XX o fordismo e o taylorismo triunfam, também, na Europa e o operário vai se transformando cada vez mais em um “gorila amestrado”. Além do fetichismo da mercadoria, é um processo de fabricação que aumenta cada vez mais a produção de mercadorias, devido à divisão do trabalho, que tem como consequência, também, a fragmentação do trabalhador. À tradicional alienação do processo de produção capitalista e à alienação da força de trabalho comprada ao trabalhador, que é o portador e o sujeito, com o fordismo e o taylorismo acrescenta-se a reificação e a fragmentação do sujeito. A sociedade é totalmente caracterizada por esta essência segmentada. Lukács acredita que o partido leninista pode estimular a conscientização do proletariado sobre esta nova situação de alienação na qual vive. Se o proletariado pudesse se conscientizar da sua condição de reificação e alienação, em seguida, com um ato revolucionário, poderia derrubar as relações de produção e iniciar uma nova época de emancipação e de libertação da alienação da totalidade social. Por este motivo, para Lukács, o proletariado aparece como um novo sujeito histórico.

Postone reconhece que, em Lukács, “o fato de centrar-se na forma mercadoria lhe permite realizar uma crítica do capitalismo que faz explodir os limites do marco teórico do marxismo tradicional. Por outra parte, quando aborda a questão da possível superação do capitalismo, recorre à noção do proletariado como Sujeito revolucionário da história”. Por outro lado, o livro é de 1923, o leninismo dominava, e Lukács era um leninista sinceramente convicto da bondade da estratégia revolucionária leninista. Foi posteriormente Stalin, e não outro, a liquidar definitivamente o leninismo. Postone sustenta que

reapropriar-se de sua concepção de capitalismo e de análise categorial, a grande contribuição teórica de Lukács, requer, entretanto, interrogar-se criticamente acerca de sua concepção da mercadoria, a categoria supostamente fundamental da sociedade moderna, da sociedade capitalista. Por outra parte, devo dizer que Lukács compreende a mercadoria basicamente nos termos do marxismo tradicional e que, como resultado disso, sua análise categorial recupera algumas das antinomias do pensamento burguês que critica (POSTONE, 2007, p. 80).

As antinomias seriam as relacionadas ao próprio sujeito revolucionário, ou seja, o proletariado.

Postone acusa Lukács de conceber o proletariado como uma nova substância histórica, à maneira de Hegel. Lukács cairia no erro hegeliano de considerar o proletariado o *Geist* (espírito) que é o sujeito e a substância da história. A tese é sugestiva e Postone cita uma passagem da *Fenomenologia do Espírito*, na qual Hegel havia sustentado que a substância é *ao mesmo tempo* sujeito. Cito toda a etapa de Postone, dentro do qual está a citação de *Fenomenologia do Espírito*:

Para Hegel, em consequência, o *Geist* é simultaneamente subjetivo e objetivo, é o sujeito-objeto idêntico, a “substância” que é ao mesmo tempo “Sujeito”: “A substância viva é, ademais, esse ser que é (...) Sujeito ou, o que é o mesmo, que é (...) real somente na medida em que é movimento de postular-se a si mesmo, ou a mediação do processo de devir diferente de si mesmo consigo mesmo” (Hegel, 1966:28) (POSTONE, 2007, p. 82)⁷.

Como pode ser visto a partir da citação de Postone, Hegel não escreve de fato *gleichzeitig* (“ao mesmo tempo”), porém mais adiante escreve *gleichgültigen* Verschiedenheit (“diversidade indiferente”), mas, ainda assim, diversidade. Na verdade, Postone, ao se referir ao trecho, não coloca “ao mesmo tempo” entre aspas, mas fora,

6 Mais correto seria traduzir “forma de ser”, do ser – aqui, histórica e realmente falando.

7 Incluo a citação do texto original de *Fenomenologia do Espírito*: «Die lebendige Substanz ist ferner das Sein, welches in Wahrheit Subjekt, oder was dasselbe heißt, welches in Wahrheit wirklich ist, nur insofern sie die Bewegung des sich selbst Setzens, oder die Vermittlung des sich anders Werdens mit sich selbst ist.» (*Fenomenologia do Espírito*, Prefácio, 2/a).

ou seja, o próprio Postone coloca o sujeito e a substância no mesmo tempo, embora, para Hegel, na realidade, “A substância viva é, ademais, esse ser que é (...) Sujeito”, ou seja, a substância *viva*, ou seja, a vida, e não a substância genérica, é sujeito, porque em suas verdades, ou a seus modos, substância viva e sujeito são iguais, mas os seus tempos não são os mesmos. De fato Hegel, algumas linhas acima do trecho citado por Postone, escreve claramente: “Tudo depende de conceber e expressar a verdade não tanto como substância, mas sim propriamente como sujeito”⁸. Pelo tom da citação se deduz que para Hegel substância – genericamente falando – e sujeito não são os mesmos, a identidade é entre substância viva e sujeito.

Lukács captura a discrepância entre o tempo e o modo. O proletariado é o sujeito que pode superar o próprio tempo, porque possui uma presumida consciência de classe. O proletariado revolucionário, porém, não é a simples classe dos trabalhadores, porque esta é também fragmentada como a substância da totalidade social, ou seja, a mercadoria. Mas a divisão da mercadoria não visível na sua aparência, mas na sua essência, ou seja, marxianamente, no seu processo produtivo. Somente o proletariado revolucionário, com a sua suposta consciência de classe, pode ver além do tempo histórico no qual vive e quer construir uma totalidade social diferente daquela em que vive. Se não fosse marxista, Lukács não poderia entender a diferença entre a aparência e a essência da totalidade histórica do tempo em que viveu, sendo marxista sabe que haverá tempos desiguais no futuro da sociedade capitalista. Além disso, o futuro é uma superação do presente longínquo e despersonalizado⁹. Diria que Lukács faz exatamente a diferença entre sujeito e substância.

No fundo, as acusações que Postone faz a Lukács são incrivelmente iguais àquelas que alguns teóricos da III Internacional, seja Zinoviev, Deborin ou Rudas, fizeram a *História e Consciência de Classe* nos primeiros anos depois da sua publicação. As críticas de Zinoviev, Deborin e Rudas eram já os primeiros sinais do stalinismo incipiente e substancialmente criticaram Lukács por sua herança hegeliana e burguesa. Mas havíamos visto que Hegel tinha uma visão bem diferente daquela que lhe era atribuída e Lukács estava perfeitamente consciente, assim como Marx era consciente desta mesma diferença, como o próprio Postone reconhece (POSTONE, 2007, p. 84). Sem levar em conta a diferença entre tempo e modo, agora se podem chegar a algumas conclusões paradoxais:

A crítica madura de Marx não supõe uma inversão “materialista” e antropológica idealista de Hegel, ao estilo da empreendida por Lukács. Ao contrário, é, em certo sentido, a “justificação” materialista de tal dialética. Marx argumenta, implicitamente, que o denominado “núcleo racional” da dialética de Hegel é, precisamente, seu caráter idealista.

Mais adiante:

Dentro do marco sugerido pela determinação inicial da categoria de capital de Marx, o posicionamento de Lukács não constitui uma crítica do ponto de vista de sua negação histórica (...). Se a totalidade, em si mesma, é entendida como capital, a dita crítica se revela como uma crítica que, sem sabê-lo, aponta à plena realização do capital como totalidade quase-concreta, mais que a sua abolição. (POSTONE, 2007, p. 87) (*sic!*)

Aqui a adesão à crítica de Zinoviev, Deborin e Rudas é completa: Lukács tornou-se o defensor do capitalismo, pelo menos “sem sabê-lo”. A propósito de “sem saber”: em 1994 foi descoberto nos arquivos da III Internacional, em Moscou, um ensaio de Lukács em resposta às acusações de Zinoviev, Deborin e Rudas, *Chvostismus und Dialektik*, que foi publicado em alemão, inglês, francês e italiano e em breve será disponibilizado também em espanhol.

Se Postone tivesse levado em conta também a *Ontologia do Ser Social*, teria encontrado muitas outras ideias para uma crítica das formas do capitalismo avançado. Em particular o texto “Testamento Político”, que foi publicado em alemão, espanhol, italiano e português, além do original em húngaro, oferecer-lhe-ia outras ideias a favor de uma crítica das formas do capitalismo avançado, porque o último Lukács se dedica a sua crítica, seja do capitalismo, seja do socialismo realizado e se declara favorável a um retorno a Marx, como apoia Postone em *Marx Reloaded*.

Fecho com uma observação. Postone põe uma questão interessante e original, a propósito da crítica de Derrida a Marx:

A questão, pois, radica, em se é possível que uma crítica social do presente aponte para um futuro radicalmente diferente do presente e, sem dúvida, fundamente a possibilidade de tal futuro no presente. Semelhante crítica deveria compreender o presente sem limitar-se a reproduzir e afirmar tal presente. (POSTONE, 2007, p. 62)

Postone argumenta que uma crítica do gênero deveria ser mais profunda do que Derrida e a desconstrução

8 «Alles darauf an, das Wahre nicht als *Substanz*, sondern eben so sehr als *Subjekt* aufzufassen und auszudrücken» (*Fenomenologia do Espírito*, Prefácio, 2/a).

9 Em outro escrito em defesa de *História e Consciência de Classe*, Lukács afirma: “Que coisa é o momento? Uma situação cuja duração pode ser mais ou menos longa, mas que é distinguível do processo que o conduz, uma vez que é a tendência das forças essenciais deste processo, e ao mesmo tempo exige que uma decisão seja tomada sobre o rumo do processo” (LUKÁCS, 1996, p. 13).

requerem. Acrescento que uma crítica do presente deve se iniciar no próprio presente, na posição que o sujeito que critica assume em direção à história que vive, porque recusa as relações sociais em meio às quais está vivendo. Esta posição crítica será política, social, econômica, e também, sobretudo, ética, mas não será somente crítica. Aquela dos desconstrucionistas à Derrida parece a “Crítica crítica” à qual Marx conduziu, por sua vez, a crítica, na *Sagrada Família*. Marx soube tomar posição ao lado da vítima alvo do sistema capitalista, o trabalhador explorado, assim como faz Lukács. Mas, ao fazê-lo, eles trouxeram, necessariamente, com eles o próprio presente histórico, ainda que para rejeitá-lo, para hipotecar um futuro melhor. Não se pode, portanto, ir além do seu presente sem o seu presente, porque a própria essência da crítica consiste em vislumbrar um futuro melhor possível dentro das contradições deste presente inaceitável e insuportável. O futuro é somente uma perspectiva possível, embora abstratamente, mas possível, porque o presente não é mais aceitável. O fundamento do futuro está na não aceitação do presente. O futuro é a possibilidade necessária para se dizer não ao presente inaceitável. Nenhuma crítica pode reproduzir ou afirmar o presente, pois não seria uma crítica.

Referências bibliográficas

INFRANCA, A. *Trabajo, Individuo, Historia*. El Concepto de Trabajo en Lukács. Trad. G. Livov. Buenos Aires: Herramienta, 2005.

LUKÁCS, G. *Chvostismus und Dialektik*. Ed. L. Illés. Budapest: Áron Verlag, 1996.

POSTONE, M. *Marx Reloaded*. Trad. V. Handel e J. García Lopez. Traficantes de Sueños: Madri, 2007.